FIOCRUZ

RADIS
Reunião, Análise e Difusão de Informação sobre Saúde

Avenida Brasil 4036/sl 515
Manguinhos, Rio de Janeiro
RJ CEP: 21040-361

Súmula

Nº 88 – Junho/Julho de 2002

IMPRESSO ESPECIAL
CONTRATO
Nº 050200462-2/2001
ECT/DR/RJ
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

DEVOLUÇÃO GARANTIDA
DR/RJ
IMPRESSO ESP.
Nº 050200462-2/2001

Epidemiologia e Promoção da Saúde

Como foi o V Congresso Brasileiro de Epidemiologia – Epi 2002

A tarefa era ambiciosa: estabelecer a relação entre as áreas de conhecimento e atuação da Epidemiologia, reunindo todas as possibilidades e campos de pesquisa desta área, segundo a ótica das novas concepções da Promoção da Saúde.

A Epidemiologia na Promoção da Saúde, portanto, foi o tema principal do V Congresso Brasileiro de Epidemiologia (Epi 2002), realizado em Curitiba entre os dias 23 e 27 de março. Organizado pela Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (Abrasco), o Congresso contou com a participação de pesquisadores, professores em saúde pública e coletiva e trabalhadores da Epidemiologia que discutiram o problema das velhas doenças que voltam ao cenário atual, a emergência de novas patologias, os problemas de saúde decorrentes dos modernos estilos de vida, entre outros assuntos. O resultado concreto do encontro pode ser expresso e dimensionado pelo número de trabalhos apresentados: foram 2130, distribuídos em palestras, painéis, comunicações coordenadas e pôsteres.

Para Jairnilson Paim, professor em Saúde Pública da Universidade Federal da Bahia (Ufba), o evento demonstrou a potencialidade da saúde coletiva brasileira e o desenvolvimento da Epidemiologia como disciplina científica. "O número expressivo de trabalhos apresentados no Congresso revela a importância da produção científica e tecnológica do campo. Entre eles se destacam não só os trabalhos produzidos nas universidades e institutos de pesquisa, como também e principalmente os realizados nos serviços que compõem o Sistema Único de Saúde (SUS)", observou.

Temas de grande interesse apresentados em mesas-redondas e painéis como a epidemia de dengue, a determinação social do processo saúde-doença, a promoção da saúde, a saúde nas megacidades, a Medida Provisória do governo propondo a criação de uma agência federal de prevenção e controle de doenças (MP 33 de 19/2/2002) e a avaliação em saúde despertaram a atenção e a discussão entre os participantes.

No entanto, faltou tempo suficiente para que todos os temas relevantes que envolvem a Epidemiologia e a promoção da saúde fossem contemplados. Jairnilson citou alguns exemplos de assuntos que poderiam merecer maior atenção: as bases teóricas e metodológica da promoção da saúde, as alternativas para o controle da epidemia e da violência no país e o impacto das políticas produtoras de exclusão social na saúde.

O Congresso foi complexo e abrangente, e seria pedir muito fazer com que tudo coubesse nestas oito páginas da Súmula. Por essa razão, o Radis elegeu alguns temas, dentre tantos, na tentativa de traçar um panorama geral da discussões.

Epidemiologia
Como foi o V Congresso
(página 8)

O RADIS FAZ **20 ANOS**
O RADIS RECEBE **PRÊMIO**
O RADIS VAI **MUDAR**

RADIS
comunicação em saúde

Nossa nova logomarca

CARTAS

ENTREVISTA COM MOSQUITO FAZ SUCESSO

Parabéns pela simulação de entrevista com o mosquito da dengue, pela metodologia informativa de mais fina ironia e bastante assimilativa. Como participo do Programa Saúde da Família, em Teresina, estou agendando a teatralização da entrevista com os agentes comunitários de saúde na próxima reunião da equipe.

Sebastião Moraes – médico do PSF em Teresina – PI

Escrevo para dar os parabéns pela Súmula dedicada à dengue. A entrevista com o mosquito é uma idéia que merecia ser convertida em um material à parte, para circular entre a população. Claro, alguma coisa teria que ser "trocada em miúdos" para adequar ao objetivo e ao destinatário. Mas a idéia é ótima, permite uma aproximação de forma leve com vários ângulos da dengue. Parabéns à equipe toda.

Inesita Araújo – UFRJ

Tenho recebido assiduamente os números da Súmula. Hoje, após haver recebido o verdadeiro "Manual da Dengue" (Súmula 87), não poderia deixar de enviar os mais sinceros parabéns.

J.Barreto – Ribeirão Preto – SP

A SAÚDE NO BRASIL

Dada a seriedade e relevância dos assuntos publicados pela Súmula, nesta oportunidade, parabenizo pela edição que abordou um tema de fundamental importância: "A Saúde no Brasil, Avanços, Impasses e Retrocessos". Sou especialista em Saúde do Trabalhador. Dada a escassez de dados nesta área, sugiro que se possível seja publicada uma revista só com o tema "Saúde do Trabalhador no Brasil", fazendo uma retrospectiva dos avanços e retrocesso a partir da Lei Orgânica da Saúde.

Cleonice Barbosa – campina Grande – PB

A IDÉIA DO LEITOR

Radis impresso X Radis eletrônico

Na Súmula nº 85 (janeiro/2002), apresentamos uma sugestão feita pelo leitor Rubens Manoel (sac.águia@uol.com.br). Segundo ele, duas idéias, se postas em prática, proporcionariam ao Radis uma grande economia nos custos de gráfica e de correio. A primeira idéia referia-se ao envio de um formulário de recadastramento para todos os assinantes, com o corte de todos aqueles que não respondessem. A segunda era sobre a criação de uma edição eletrônica de nossas publicações a ser mandada por e-mail para quem assim preferissem. Propusemos um debate, provocamos nossos leitores e, como prometemos, estamos publicando algumas das opiniões recebidas.

A OPINIÃO DE ALGUNS LEITORES

"Pessoalmente, não me importaria de receber o 'nosso' jornal via e-mail, pois vou ler de qualquer maneira".

Oreste Pedro Maia Andrade

"A idéia é interessante, mas a realidade virtual é pouco real. A internet é lenta, o custo de acesso é alto e a leitura de textos na tela é cansativa e pouco atrativa. O prazer de se ler uma revista impressa é incomparável. Não acredito que o custo justifique o benefício.

Elisabeth Porto

"A idéia representa uma economia para o governo. A assinatura das pessoas que não ligam para as revistas deve ser cancelada".

Irene, Orlando, Rodrigo e Dorival (São Caetano do Sul – SP)

"Pela quantidade de informação, a leitura por email ficará muito cansativa. Poderia haver opção para quem quer receber a revista eletrônica ou impressa. Apesquisa é mais do que necessária."

Graça Portela

"Somos contrários em número, gênero e grau, pelas seguintes razões: dificuldade de arquivar e manusear as publicações eletrônicas; os assuntos são variados e se alterar o sistema atual, pode piorar".

João Gonçalves Neto (Gov. Valadares – MG)

A OPINIÃO DO RADIS

Existem dois aspectos a serem considerados. Concordando com a leitora Elizabeth Porto sobre o uso das novas tecnologias, acreditamos que a mídia impressa e a internet não são excludentes, mas complementares. Nosso objetivo, a médio prazo, é melhorar o nosso site, disponibilizando para os interessados não só o conteúdo das revistas, mas outras informações importantes, sem prejuízo dos leitores que ainda não têm acesso à mídia eletrônica. Aí então, quem preferir ficar só com a versão digital poderá fazê-lo. Significativa diminuição de custo tem sido possível com redução de tarifas de correio e substituição dos destinários cujo exemplar é devolvido por novos assinantes.

Quanto à pesquisa, acreditamos ser necessária para saber o que o leitor pensa e como utiliza o material que recebe. O Radis tem a missão de levar informação não apenas para quem 'quer', como na visão de mercado, mas para todos que dela 'precisam', segundo as estratégias e políticas de saúde pública, definidas na Constituição e pelas Conferências de Saúde.

ANOTE

Fiocruz promove Olimpíada da Saúde

A Fiocruz convoca todos os alunos dos ensinos fundamental e médio, matriculados em escolas públicas e privadas da rede de ensino do país que estejam reconhecidas pelo Ministério da Educação (MEC), para participarem da Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente. A Olimpíada é uma competição educativa que premiará os projetos mais criativos e inéditos referentes à saúde e ao meio ambiente no Brasil.

As inscrições dos trabalhos são gratuitas e a escola deve se cadastrar previamente pela internet no endereço www.olimpiada.fiocruz.br, ou preencher a ficha de cadastro e enviar para as sucursais da Olimpíada espalhadas pelo país até setembro deste ano. Para obter a relação das sucursais e outras informações, o aluno e a escola poderá entrar em contato com a Coordenação Nacional da Olimpíada nos telefones (21) 2590-5192 e 2598-4221 ou pelo e-mail olimpiada@coc.fiocruz.br.

Lançada cartilha do Projeto Alvorada na Saúde

O Projeto Alvorada, que envolve o trabalho de nove ministérios, foi lançado em 1998 e é uma das principais iniciativas do governo federal para combater a pobreza e as desigualdades sociais no país. No Ministério da Saúde (MS), foi criada em 2001 a Gerência Especial do Projeto Alvorada-Saúde tendo como objetivo o acompanhamento da implementação nos municípios dos programas do MS que fazem parte do Alvorada, dentre eles, o da *Saúde da Família*, o de *Saneamento Básico*, *a Bolsa-Alimentação* e o de *Humanização do Pré-natal e Nascimento*. Para esclarecer a população, o Ministério da Saúde montou uma cartilha sobre o assunto. Mais informações sobre o Projeto Alvorada podem ser obtidas pelos telefones (61) 315-3373 e 315-3335 ou pelo site www.presidencia.gov.br/projetoalvorada

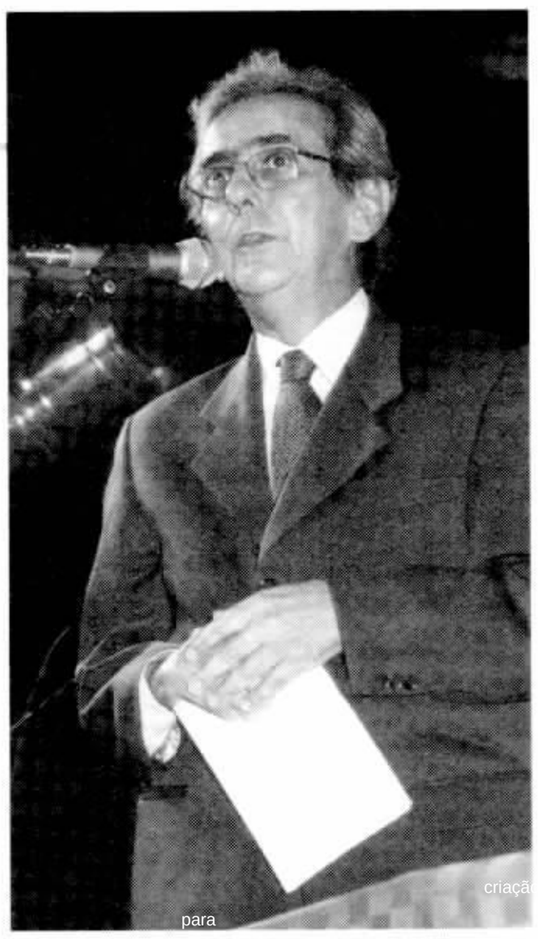
Proposta para criação de Agência gera polêmica

Um dos debates mais polêmicos do V Congresso girou em torno da possível extinção da Fundação Nacional de saúde (Funasa) e a criação de uma autarquia especial, a Agência Nacional de Prevenção e Controle de Doenças (Apec). A proposta, lançada inicialmente por meio de uma Medida Provisória do governo, transformou-se em Projeto de Lei e atualmente aguarda aprovação no Congresso.

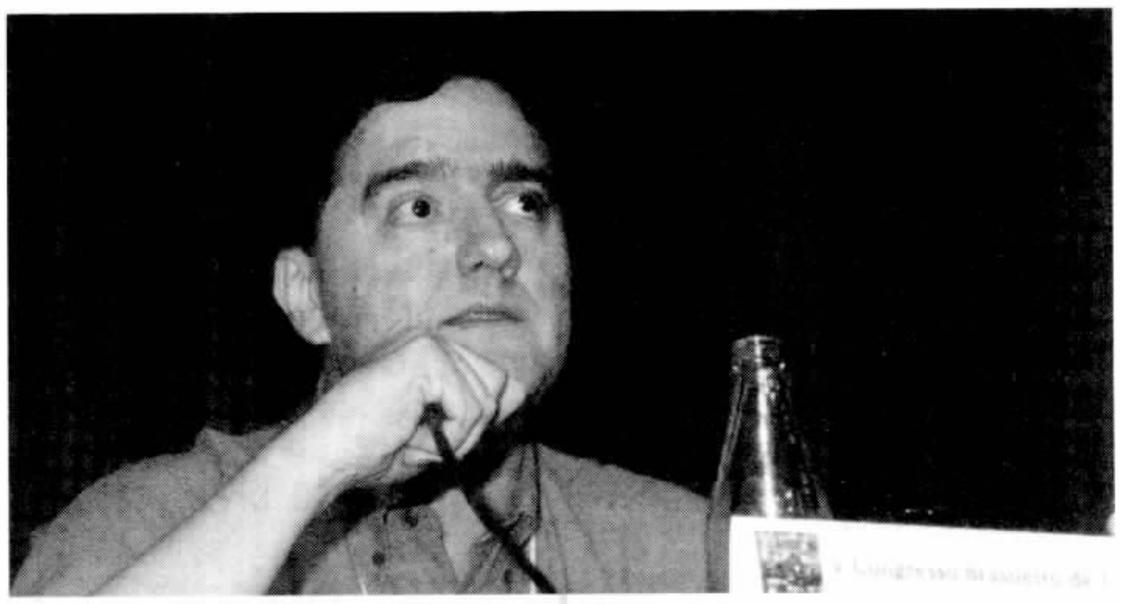
A lei que cria a Agência nem entrou em vigor, mas as opiniões já estão divididas entre os que querem a sua implantação e aqueles que, como o presidente da Abrasco, José Carvalho de Noronha, defendem que o Ministério da Saúde precisa fortalecer as estruturas já existentes. Seja qual for a posição defendida, todos concordam em um ponto: a atual estrutura precisa passar por algumas mudanças. E rápidas.

Até 1999, a Funasa caracterizou-se pelo desenvolvimento de ações setoriais e desarticuladas, por um quadro de pessoal mal remunerado e pela ausência de decisão política para integração da Fundação ao SUS. A partir de 99, iniciou-se um processo de reestruturação através da implantação de uma série de medidas, como o estabelecimento de critérios técnicos de nomeação para os cargos e elaboração do Planejamento Estratégico da instituição.

A proposta de criação da Agência Nacional de Controle de Doenças faz parte do processo de mudança a fim de melhorar o desempenho da gerência dos Sistemas Nacional de Epidemiologia, de Saúde Ambiental e de Saúde Indígena. A Apec terá como objetivo manter sob comando único a formulação, supervisão, coordenação, fiscalização e implementação de políticas de Epidemiologia. A Agência possibilitará maior autonomia e



flexibilidade na gestão orçamentária e na financeira, estruturação de carreira própria, com remuneração adequada, e



flexibilização na contratação de pessoal.

"Conhecendo a situação atual da Funasa, eu compreendo que a idéia de criar uma agência com estrutura mínima de cargos e salários é melhor do que contratar pela Organização Pan Americana de Saúde (Opas) ou pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco)", concluiu o Diretor do Centro Nacional de Epidemiologia Jarbas Barbosa, durante o debate.

O Ministério da Saúde elaborou uma cartilha sobre a Apec, que pode ser solicitada pelo e-mail funasahoje@funasa.gov.br. Outras informações sobre a Agência poderão ser obtidas através do Disque-Saúde (0800611997).

A IMPORTÂNCIA DO CENEPI

O Centro Nacional de Epidemiologia (Cenepi), resultado de um movimento iniciado na década de 80 com a Reforma Sanitária, promove e divulga o uso de ferramentas da epidemiologia no Sistema Único de Saúde (SUS). O Cenepi, que passou a sofrer com a falta de estrutura devido a grande quantidade de trabalhos, hoje está localizado institucionalmente dentro de um departamento na Fundação Nacional de Saúde (Funasa).

Atualmente, a estrutura não está sendo suficiente para dar conta de todas as ações. O Cenepi passa por vários problemas, como a falta de recursos humanos, que vem se agravando com a perda de profissionais em decorrência de aposentadorias e principalmente da migração de técnicos contratados temporariamente para outras áreas que oferecem melhores salários e estabilidade funcional. Em 1997, uma consultoria confirmou a necessidade de se criar um órgão que atendesse todas as demandas do Centro, mas as mudanças ainda não aconteceram.

A proposta de criação da Agência Nacional de Controle de Doenças (Apec), representa para o Centro a possibilidade de expandir sua estrutura. No atual organograma da Funasa, o Centro Nacional de Epidemiologia é apenas um departamento dentre outros seis. Com a criação da Agência, a estrutura do Centro se desdobraria em diversas diretorias, ampliando seu campo de ação e atendendo, assim, a demanda dos trabalhos.

Epidemiologia do envelhecimento

O Brasil está mais velho. Existem atualmente 14,5 milhões pessoas com mais de 68 anos, que corresponde a 9,1% da população brasileira. E, cada ano que passa, mais 70 mil idosos são incorporadas à população. "Com a ampliação dos anos de vida e o número absoluto e relativo da população idosa, há uma tendência em priorizar as pesquisas sobre o envelhecimento e dar novos passos no assunto", afirmou o Diretor da Universidade Aberta da Terceira Idade, Renato Veras, durante a palestra sobre a epidemiologia do envelhecimento.

A Universidade Aberta da Terceira Idade (Unati), um projeto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), iniciou suas atividades em 1993. Atualmente A Unati promove estudos, debates, pesquisas e assistência à população idosa do Estado do Rio de Janeiro, assessorando órgãos governamentais na formulação de políticas e prestando consultorias em assuntos que envolvam a terceira idade.

Para saber mais sobre a Universidade, acesse o site www.unati.uerj.br

Consolidação do SUS redefine papel da Epidemiologia

No Brasil, a Epidemiologia vem se desenvolvendo há cerca de três décadas como parte do movimento da saúde coletiva e tem sido fundamental para a transformação das condições de saúde da população. Ela busca compreender a relação entre saúde, doença e cuidado como parte da organização social. Por esta razão, este campo de atuação da saúde coletiva tem se constituído como uma poderosa aliada do Sistema Único de Saúde (SUS). "Não resta dúvida de que a organização do SUS é conseqüência da luta e do compromisso de setores progressistas do país e que é também compartilhado por grande parte dos epidemiologistas, que vêm contribuindo incessantemente para a melhoria do SUS", afirmou o professor Maurício Lima, do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (Ufba), durante a Conferência 'Epidemiologia e o Sistema Único de Saúde (SUS)', no V Congresso Brasileiro de Epidemiologia.

A Epidemiologia caminha a passos rápidos para a sua maturidade. Como disciplina científica, tem por objetivo produzir conhecimento, reafirmar seus conceitos e melhorar seus métodos, estudando a saúde, a doença e os seus determinantes. Ela tem também o compromisso de contribuir para a transformação das condições de saúde da população, produzindo e analisando informações, desenvolvendo tecnologias e estratégias de prevenção. A Epidemiologia, portanto, atua em dois espaços interdependentes: o do conhecimento – que tem por finalidade de elaborar teorias, coletar e analisar dados – e o da ação – produzindo informações, definindo conhecimento e delimitando estratégias. Para tanto, os epidemiologistas brasileiros, desde 1989, vêm estabelecendo planos diretores qüinqüenais sob a organização da Comissão de Epidemiologia da Abrasco.

– Harmonizar interesses, tensões, motivações e estratégias desses dois espaços de atuação da Epidemiologia é uma tarefa que tem sido realizada com paciência, sabedoria e habilidade há duas décadas pela Abrasco – acrescentou o professor da Ufba.

UM POUCO DA HISTÓRIA

Durante a Conferência, Maurício Lima resumiu o desenvolvimento da epidemiologia no país em três etapas: a primeira iniciada na década de 70 até 1984; a segunda, de 1985 até 1994; e a terceira que começa em 1995 até os dias atuais. Ele ainda destacou dois episódios que considera bastante importantes para o desenvolvimento da epidemiologia, pois ressaltaram questões relacionadas ao sistema de saúde: a I Reunião Nacional sobre Ensino e Pesquisa na Epidemiologia, que se realizou na cidade de Nova Friburgo, em setembro de 1984, e o encontro *Rumos da Epidemiologia Brasileira – reunião nacional de avaliação e perspectivas*, realizado em Olinda, no mês de abril de 1994.

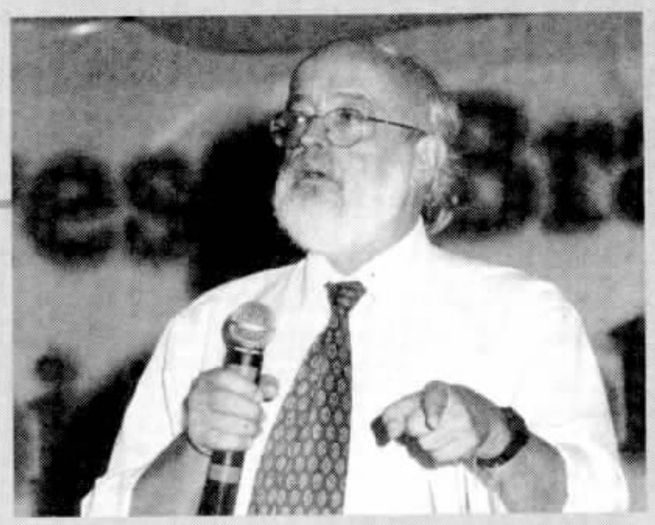
Durante a primeira etapa, ocorreu a consolidação dos grupos de saúde coletiva, incluindo epidemiologistas, formados a partir de alguns núcleos de pós-graduação no início dos anos 70. "Foi uma época que sofreu forte influência dos trabalhos de epidemiologia social iniciados pelo grupo de Xochimilco, liderado por Asa Cristina Laurell e influenciado pelas idéias de Juan César Garcia", explicou Maurício. Segundo ele, houve nessa época um grande interesse pelos estudos sobre classe social e saúde.

A *I Reunião Nacional sobre Ensino e Pesquisa na Epidemiologia* marcou um novo ciclo da história da Epidemiologia. Nela, foram discutidos e aprovados a constituição e os objetivos da Comissão de Epidemiologia da Abrasco, que veio preparar o cenário da segunda etapa. Não apenas esta reunião, mas muitos outros encontros marcaram esta nova fase a exemplo do *Seminário sobre perspectivas da Epidemiologia frente a reorganização dos serviços de saúde*, realizado 1986, na Bahia, e do I Congresso de Epidemiologia, realizado em 1990, na cidade de Campinas. Neste mesmo ano, surge o Centro Nacional de Epidemiologia (Cenepi) que, para Maurício, possibilitou a aproximação entre os epidemiologistas da Academia e os dos serviços de saúde. "O Cenepi teve papel relevante ao incentivar o uso dos recursos epidemiológicos nos diversos níveis do SUS", disse ele.

A terceira fase começa em 1994 com o II Plano Diretor para o Desenvolvimento da Epidemiologia, mostrando que o processo de consolidação do SUS levava a uma transformação do papel da Epidemiologia nos serviços de saúde e reafirmava a importância do Cenepi como órgão central. Em 1995, três congressos foram realizados ao mesmo tempo: o III Congresso Brasileiro de Epidemiologia, o II Congresso Ibero-Americano e o I Congresso Latino-Americano. Eles contribuíram para a consolidação dos núcleos acadêmicos de Epidemiologia. "Em 1998, acontece o IV Congresso Brasileiro no Rio de Janeiro e hoje estamos aqui neste V Congresso que é ao mesmo tempo intenso, participativo e recheado de esperanças, tal como é a epidemiologia no Brasil", concluiu.

Saúde nas megacidades

O processo irreversível do surgimento de megacidades é um fator que favorece o aparecimento de doenças da miséria como a dengue, a tuberculose e a doença de chagas e de doenças do desenvolvimento como problemas cardiovasculares, hipertensão e diabetes. A opinião é do epidemiologista da Fiocruz, Sérgio Arouca, que participou de uma mesa redonda sobre a saúde nas megacidades, durante o V Congresso Brasileiro de Epidemiologia. Para ele, também os acidentes de trânsito e a violência devem ser incluídos no rol de doenças do desenvolvimento. "É um grave problema de saúde pública, pois antes de chegar à polícia, as vítimas e causadores dos acidentes



'Epidemiologia Social' aproxima-se da Promoção

No âmbito da Promoção da Saúde, foi dito e repetido que nesta ação a Epidemiologia exerce importante papel ao se preocupar não apenas com o controle de doenças e de seus vetores, mas, sobretudo, com a melhoria da saúde da população.

"A saúde, estado de completo bem-estar físico, mental e social e, não somente a ausência de afecções ou enfermidades, é um direito humano fundamental em que a obtenção do mais alto grau possível de saúde é um objetivo social sumamente importante em todo o mundo, cuja realização exige a intervenção de muitos outros setores sociais e econômicos, além do setor da saúde". Fazendo lembrar a Declaração de Alma Ata, fruto da Conferência Internacional sobre Atenção Primaria à Saúde, ocorrida na capital do Casaquistão em 1978, o V Congresso Brasileiro de Epidemiologia apresentou como tema central a Promoção da Saúde, visando a aproximar e estabelecer as relações entre a pesquisa epidemiológica e as mais abrangente noções da Promoção.

O conceito de promoção da saúde, no entanto, não está ainda bem definido. Segundo João Yunnes, Diretor da Faculdade de Saúde Pública de São Paulo, ora é encarado como paradigma, ora como um programa ou estratégia. "A promoção da saúde surge como um processo de controle sobre a doença ou ações voltadas para a melhoria de saúde", completou. Para David McQueen, do Centro de Controle de Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (*Center for Disease Control and Prevention – CDC*), a Promoção da Saúde traduz a implementação de esforços para promover saúde e bem-estar em todos os domínios da saúde – físico, social, psicológico e pessoal.

No Brasil, o conceito de promoção da saúde surge na década de 40 como nível de atenção básica. "Depois da Alma Ata, a Promoção da Saúde começou a ser discutida como um enfoque da saúde", lembra Paulo Buss, presidente da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Para ele, a saúde deve estar condicionada aos fatores políticos, econômicos, sociais, culturais, ambientais, comportamentais e biológicos, por estes serem de grande importância para a vida social. Desta forma, a promoção da saúde ganha duas dimensões: a primeira que a identifica com informação, educação e comunicação; e a segunda que enfatiza o bem-estar do indivíduo e da sua família.

De acordo com Miguel Malo, consultor da Organização Pan-Americana de Saúde (Opas) no Brasil, esta ação tem como eixo norteador a garantia de boa qualidade de vida. Para tanto, a ação de promover saúde se traduz em elaborar e implementar políticas públicas saudáveis, criar ambientes favoráveis de saúde, privilegiar as ações comunitárias – entendidas como participação e responsabilização da população –, desenvolver habilidades pessoais e reorientar os sistemas e serviços de saúde. "Surge nesse momento a idéia de que o poder público é responsável pela saúde, incluindo as políticas de transporte, emprego, seguridade social, ambiente, habitação e urbanismos, entre outras questões", explica o presidente da Fiocruz.

No que diz respeito ao papel da Epidemiologia na Promoção da Saúde, McQueen afirma que a promoção e a epidemiologia tradicional andam em caminhos opostos. Ele afirma que, ao contrário da promoção da saúde, que se baseia na ação e traz sempre inovações, a Epidemiologia segue um método científico construído por paradigmas. Por este motivo, surgem duas tradições: a Epidemiologia, como ciência em si, e a Epidemiologia Social. A primeira está baseada em um modelo tradicional biomédico e a segunda tem um conceito mais amplo, próximo ao conceito de promoção da saúde. O foco da Epidemiologia social e da promoção da Saúde é a ação, e é só aí que o pesquisador acredita que possa haver uma relação mais efetiva, já que "as duas áreas priorizam a prevenção de doenças e a saúde da população".

de trânsito e da violência procuram o posto de saúde", lembrou.

Eduardo Jorge, Secretário Municipal de Saúde de São Paulo, ressaltou que para reduzir a incidência de doenças e melhorar o sistema de saúde da cidade, a secretaria de saúde passou por um processo de reconstrução. "Dividimos o município de São Paulo em regiões, elegendo um secretário de saúde para cada uma delas e adotamos o Programa de Saúde na Família (PSF) como prioridade de nossa gestão", disse.

Para que se entenda melhor o processo de saúde nas megacidades, a epidemiologista Asa Laurell falou sobre a experiência com o governo do México e o desafio de melhorar as condições gerais de saúde e acabar com a desigualdade na saúde entre grupos sociais e zonas geográfica das grandes cidades do país. Para tanto, ela partiu do princípio da democratização da saúde, buscando assegurar igual acesso aos serviços de saúde. "Nós tentamos construir uma política social integral que tinha como prioridade a saúde pública, por meio de programas territoriais e da participação cidadã em assembléias com as comissões especiais de saúde", explicou. Ela usou como exemplo o Programa de Apoio Alimentar e de Distribuição de Medicamentos para adultos, implantado nas megacidades do México. "Em menos de um ano, entregamos alimentos e medicamentos a 250 mil adultos maiores de 70 anos", informou.

Pesquisa no Brasil vive etapa produtiva

A grande quantidade de trabalhos apresentados no V Congresso, e também a qualidade deles, demonstram, segundo o pesquisador Reinaldo Guimarães, que a pesquisa em epidemiologia no Brasil vive uma fase muito produtiva, com um crescimento muito rápido. Reinaldo Guimarães, ao iniciar sua palestra sobre o universo da pesquisa epidemio-lógica e traçar um panorama da área, revelou que existem, no Brasil, 176 grupos e 320 linhas de pesquisa. A fonte é o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Cnpq).

Uma das críticas feitas por Reinaldo é direcionada à divisão das áreas do conhecimento estabelecida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), em 1993. Até o final dos anos 80, a saúde coletiva era classificada como uma das subáreas da medicina. A mudança, ocorrida no final desse período, categorizou a saúde coletiva como uma área dividida em epidemiologia, saúde pública e medicina preventiva. Para Reinaldo, a iniciativa foi uma volta ao passado, pois na prática as pesquisas não obedecem a essas fronteiras. "Eu dividiria a saúde coletiva nas subáreas de epidemiologia, ciências sociais e planejamento de políticas de saúde. Mas as mudanças não são fáceis", disse.

O Sudeste lidera a lista das regiões onde há mais pesquisas epidemiológicas (60%), seguido do Nordeste (21%), Sul (9,7%), Norte (5,1%) e Centro Oeste (2,8%), com destaque para o Estado do Rio de Janeiro (21%) e Bahia (9,1%). O número de pesquisas realizadas por instituição também foi objeto de estudo de Reinaldo: A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) lidera o *ranking* com 17,6% do total da produção, seguido da Universidade de São Paulo (USP), com 11,9%, e da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com 5,7%.

Os dados do Diretório indicam que 80% dos pesquisadores possuem doutorado, que a maioria deles (66,7%) tem menos de dez anos de doutorado, e cerca de 1/3 obteve seu título nos últimos cinco anos. Segundo Reinaldo, o grande número de recém doutores mostra que houve uma 'explosão de doutoramento' no país a partir de 1990. Para aqueles que estão fazendo ou pensam em fazer o doutorado na área de epidemiologia, Reinaldo revela que o maior número de doutoramentos ocorreu em São Paulo (51%), seguido do Rio de Janeiro (21,7%), Minas Gerais (9,2%) e Rio Grande do Sul (6,6%).

De acordo com a pesquisa, em 1999, o investimento do Cnpq para todas as áreas do conhecimento foi da ordem de R$ 440 milhões e da Capes, R$ 213 milhões. Desse montante, as duas agências destinaram respectivamente R$ 4,5 e R$ 3,4 milhões para a Saúde Coletiva, o que corresponde a apenas 1,2% do total desembolsado, enquanto 2,46% dos 176 grupos relacionados no diretório do Cnpq realizavam pesquisas na área.

Saiba mais sobre pesquisa em epidemiologia: www.scielosp.org/cgi-bin/wxis.exe/iah/

Cebes: referência em epidemiologia

A frase de Karl Marx, "os filósofos tentaram interpretar o mundo, cabe agora modificá-lo", dita pelo pesquisador Jairnilson Silva Paim durante a mesa redonda *25 anos do Centro Brasileiro de Saúde (Cebes)*, parece ser o lema da instituição. Criado em 1976, o Cebes, uma importante referência na área de epidemiologia, organiza-se em núcleos aglutinando profissionais e estudantes para lutar pela democratização da saúde e da sociedade, assegurando a ligação da prática política com o conhecimento produzido pela Academia.

Nos anos 80, houve alguns obstáculos relacionados a mudanças na política e restrições ao financiamento de pesquisa. Na época, a instituição não debatia a determinação social do processo saúde/doença com a mesma profundidade que concedia às políticas práticas de saúde. A partir dessa época, o Centro politizou a produção acadêmica, criando pontes com a formulação de políticas públicas.

Ao traçar um panorama do Cebes, Jairnilson ressaltou uma importante característica do Centro: "Houve um boom de estudos sobre desigualdade, com 576 artigos publicados entre 1971 e 2000 na *Revista Saúde em Debate*". Segundo ele, a relação entre as desigualdades das condições de saúde da população e os fatores socioeconômicos vem sendo explorada pela epidemiologia desde seus primórdios, mostrando que as diferenças nos indicadores de saúde/doença são determinadas também pela diferença social.

A revista Saúde em Debate pode ser acessada na internet por meio do endereço www.ensp.fiocruz.br/parcerias/cebes/revista1.html. Para assinaturas, o e-mail é: cebes@cebes.fiocruz.br

Variedade de temas enriqueceu o Congresso

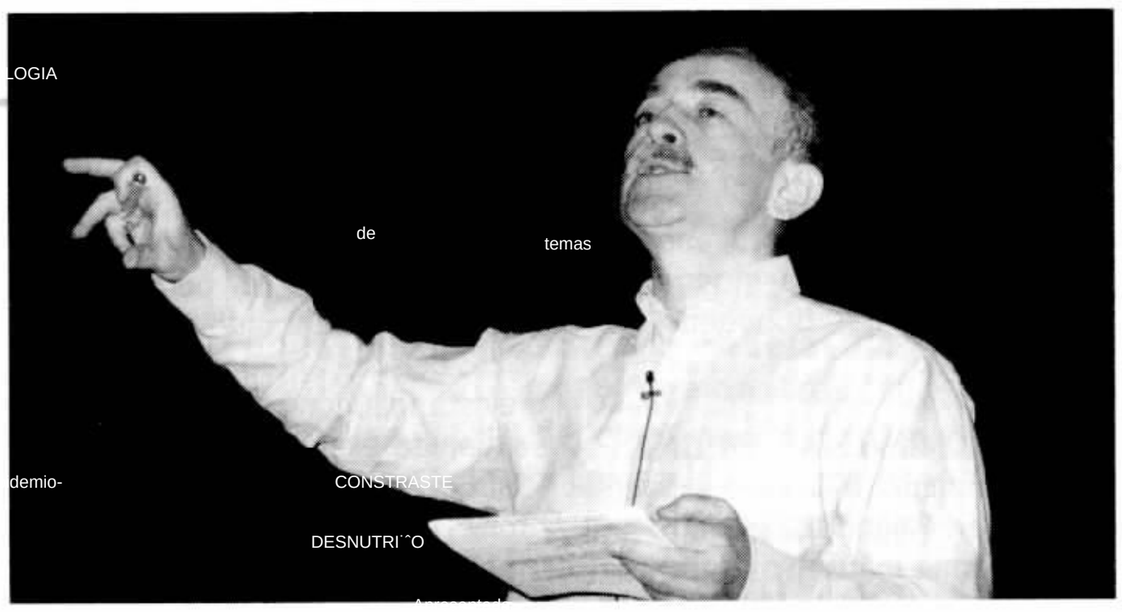
No V Congresso de Epidemiologia foram apresentados 2130 trabalhos distribuídos em diversas modalidades: 22 palestras, 52 painéis, 363 comunicações coordenadas e 1693 posteres. Diante da grandiosidade dos números, o máximo que o Radis pode fazer é extrair alguns poucos exemplos do que aconteceu nos principais painéis, mesas-redondas e palestras. E, se alguém ainda ficar com gostinho de 'quero mais', basta acessar a página do Epi 2002 no portal da Abrasco (www.abrasco.org).

TENDÊNCIAS DE OCORRÊNCIA DE CÂNCER NO SÉCULO XXI

Em 1990, foram registrados 8 milhões de novos casos de câncer no mundo e, se o crescimento continuar na mesma proporção, até 2010 esse número poderá chegar a 10 milhões. Estes dados foram revlados pelo professor da Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres (*London School of Hygiene and Tropical Medicine*), Michel Coleman, que apresentou sua preocupação com o crescimento do número de casos na palestra *Tendências de ocorrência de câncer no Século XXI*. Para ele, o aparecimento do câncer está ligado a fatores como a cultura, a educação, a idade, o aumento da população, a organização dos serviços de saúde e a desigualdade no acesso ao tratamento. Segundo Coleman, o controle não é fácil, já que há grandes interesses econômicos em jogo, como o das indústrias do tabaco e o das indústrias alimentícias. Na palestra, ele ressaltou que o trabalho de organismos como a Organização Mundial da Saúde (OMS) tem ajudado na redução do número de casos, mas que nem todos têm acesso ao tratamento pois ainda é muito dispendioso. Atualmente, o câncer é um problema de saúde pública de dimensões internacionais.

CONSTRASTE BRASILEIRO: DESNUTRIÇÃO E OBESIDADE

Apresentada pelos professores Malaquias Baptista Filho, da Universidade Federal de Pernambuco (Ufpe), e Carlos Monteiro, da Universidade de São Paulo (USP), a palestra foi cenário de estudo e reflexão sobre o problema da obesidade e da desnutrição no país. Os professores constataram em seus estudos que a obesidade é um problema tão grande quanto a desnutrição. "A obesidade corresponde normalmente a alegria, simpatia e bom gosto pela boa mesa, mas pode corresponder também a depressão e falta de controle", explicou Malaquias ao apresentar seu estudo sobre o assunto desenvolvido no Maranhão. Segundo ele, na classe econômica baixa, encontramos pessoas que não sabem o que comer e acabam por consumir alimentos de baixo custo e sem valor nutritivo, mas que conferem rápida sensação de saciedade. Nas classes mais altas, os indivíduos não comem, pois a obesidade não é desejada, visto que foge dos padrões de normalidade. O professor Carlos Monteiro, ao realizar uma pesquisa sobre o tema na Região Nordeste, observou que as taxas de desnutrição e de obesidade andam lado a lado. "Em maio de 2001, 1,9% da população da região entre 1 e 4 anos teve desnutrição e 2,7% obesidade. Das pessoas entre 10 e 17 anos, 5,9% estavam desnutridas e 4,6% obesas. Já entre a população com mais de 20 anos, 5,9% estavam com problemas de desnutrição e 8,5% de obesidade", explicou.



ACIDENTES DE TRÂNSITO EM UMA CIDADE DE PORTE MÉDIO: DOIS ANOS DE VIGILÂNCIA

Ao apresentar a palestra *Acidentes de trânsito em uma cidade de médio porte*, o professor do Programa de Pós graduação em Epidemiologia da Universidade de Pelotas (RS), Aluísio Barros, apontou que o número de acidentes vem crescendo e em alguns estados brasileiros já constituem a primeira causa de morte. O levantamento de dados, que começou 1997, teve por objetivo descrever as características dos acidentes de trânsito e de suas vítimas estimando taxas de ocorrência, mortalidade e letalidade. Durante o tempo da pesquisa foram identificado 2452 acidentes, uma média diária de 3,4 acidentes. Segundo o professor, uma das conclusões é de que as taxas de ocorrência e mortalidade são altas, mesmo comparadas com capitais de grande porte. Ele aponta também para uma necessidade de se priorizar os motociclistas e pedestres nos programas de prevenção de acidentes, já que são os grupos de maior risco.

RECURSOS HUMANOS E REFORMA DO ESTADO

Na palestra *Recursos Humanos no contexto da reforma do estado no setor saúde*, a professora do Departamento de Planejamento e Administração em saúde do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), Célia Regina Pierantoni, traçou um panorama da área de recursos humanos nas políticas públicas tendo como referencial as reformas do setor saúde na década de 90. Segundo Célia, a área de recursos humanos é um tema estratégico da discussão e implementação da política de Saúde há pelo menos três décadas mas, atualmente, apesar da importância da temática, ela percebe uma distância entre os profissionais e os debates das políticas de saúde. "Hoje há necessidade de se reintroduzir os trabalhadores de saúde no centro dos debates políticos, administrativos, técnicos e sociais", disse.

Na festa dos 20 anos, prêmio da Opas e revista nova

De cima para baixo, da esquerda para a direita: Rogério, Vanessa, Luiz Otávio e Justa Helena; Katia, Daniela, Caco, Ana Beatriz e Aristides

Este mês, o Radis tem muito que comemorar e nada melhor do que dividir com os leitores os motivos de tanta satisfação.

VINTE ANOS DE COMUNICAÇÃO EM SAÚDE

Em julho de 1982, o Radis publicou simultaneamente suas três primeiras revistas: a Súmula 1, cuja matéria principal destacava o êxito das campanhas de poliomielite; a Tema 1, sobre regionalização, participação comunitária e a reforma tributária; e a Dados 1, sobre custo de vida. De lá para cá, foram 172 edições – 88 Súmulas (incluindo esta), 20 Dados, 23 Temas, 36 jornais Proposta/Jornal do Radis e 5 publicações especiais –, num volume total de 2.024 páginas. Hoje, temos mais de 40 mil assinantes e muitas razões para festejar!

NÓS TAMBÉM SOMOS PENTA

Para comemorar seu centenário, a Organização Panamericana de Saúde (Opas) concebeu um Prêmio para Jornalismo em Saúde. Na etapa nacional do concurso, competiam cerca de 40 reportagens dos principais jornais do país, dentre eles, O Globo, a Folha de São Paulo e o Estado de São Paulo. O Radis inscreveu cinco publicações produzidas entre julho/2001 e março/2002 e... ganhou o penta! As revistas Tema 'Educação Popular em Saúde', Súmula Especial 'Dengue', Súmula 'A Saúde no Brasil', Tema 'Assembléia Mundial da Saúde' e Súmula Especial 'Conselhos de Saúde e Controle Social' alcançaram respectivamente o 2o, 4o, 5o, 6o e 7o lugares na classificação geral. A reportagem *Cobaias Humanas*, do jornal Correio Braziliense, de Brasília, recebeu o primeiro prêmio, enquanto a terceira colocação coube à matéria *O Inferno da Aids*, d'O Tempo, de Belo Horizonte.

A premiação nos enche de orgulho e indica não apenas a qualidade de um ou outro esforço particular e esporádico de investigação e reportagem, mas o grau de excelência alcançado pelo conjunto de nosso trabalho, como destacam as inúmeras mensagens de leitores à redação e o comentário do jornalista Rui Nogueira, um dos jurados do prêmio:

– A Súmula e a Tema foram para mim uma grata surpresa. Os jornalistas que cobrem a área de saúde deveriam ler esse trabalho, pois estariam aptos a tratar dos assuntos com outra segurança. Um excelente trabalho de divulgação e formação. Quem lê, por exemplo, o que a Súmula escreveu sobre a polêmica dos mata-mosquitos não fala 1/5 das bobagens que vem falando.

QUATRO REVISTAS EM UMA

A Súmula, a Tema e a Dados vão acabar! Falando desse jeito parece até uma má notícia, mas não é. É apenas o início de um novo ciclo, marcado pelo lançamento de uma nova publicação mensal: a revista ***Radis***, que começa a circular em agosto. Ela terá capa em cores, maior número de páginas e maior flexibilidade editorial e gráfica para tratar de todos os assuntos relevantes à saúde pública e à ciência e tecnologia em saúde com o cuidado, o rigor, o tempo e o espaço que merecem, comportando tanto as pequenas notas que sempre caraterizaram a Súmula quanto as grandes reportagens e dados estatísticos comentados que compunham a Tema e a Dados. A ***Radis*** será, portanto, como uma revista 'quatro em uma', na qual um leitor atento poderá encontrar algumas 'marcas' de nossas publicações atuais e mesmo de nosso extinto Jornal Proposta. Mas isso não é tudo. Um leitor ainda mais atento vai perceber que, mesmo apresentando traços genéticos de suas 'antepassadas', a nova revista inaugurará sua maneira peculiar de exercer o jornalismo em saúde, revelando aos poucos sua forte personalidade.

Na revista nova, sugestões, opiniões e críticas continuam bem-vindas. Queremos você participando dessa mudança.

EXPEDIENTE

SÚMULA é uma publicação da Fundação Oswaldo Cruz, editada pelo **Programa Radis** (Reunião, Análise e Difusão de Informação sobre Saúde), da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp).

Tiragem: 42 mil exemplares

Assinatura: A partir deste mês de julho, será lançada a revista Radis, de periodicidade mensal. A assinatura continua sendo gratuita.

Presidente da Fiocruz: **Paulo Buss**

Diretor da Ensp: **Jorge Bermudez**

PROGRAMA RADIS

Coordenador: **Rogério Lannes Rocha**

Editor: **Caco Xavier**

Redação: **Ana Beatriz de Noronha, Daniela Sophia e Katia Machado** (reportagem e redação) e **Aristides Dutra** (projeto gráfico e ilustração)

Administração: **Luis Otávio e Vanessa Santos**

Estudos, Pesquisas e Projetos: **Justa Helena Franco** (gerência de projetos)

Colaborou nesta edição: **Álvaro Funcia** (fotografia)

Endereço: Av. Brasil, 4036 sala 515 – Manguinhos Rio de Janeiro – RJ CEP 21040-361 Telefax: (21) 2260-7979

E-Mail: *radis@ensp.fiocruz.br*

Site: *www.ensp.fiocruz.br/publi/radis/prgradis.htm*